

GEOGRAFIA POLÍTICA NA GEOPOLÍTICA

RECENTES TENDÊNCIAS NA ALEMANHA

... *selecionar um objeto preciso, determinar, pelo estudo minucioso, os meios adequados para alcançá-lo, descartar-se da hesitação e do ceticismo no momento da ação, entregar-se inteiramente à tarefa; é a derradeira lição da doutrina de KANT.*" ALBERT RIVAUD: *Les crises Allemandes*.

O pensamento político alemão formou-se lentamente, durante os séculos que separam MARTINHO LUTHER e EMMANUEL KANT. Concentrar o esforço individual, evitar a anarquia e dar máxima eficiência à ação individual — são as idéias que teem dominado a Alemanha a partir do fim do século dezoito. Desde que o solitário filósofo de Königsberg professou sua fé e coligiu seus pensamentos nos volumes dedicados à Razão, muitas idéias e ideologias teem concorrido para formar o que consiste como que chave mestra da mentalidade alemã de hoje. Dois grandes revezes militares, a derrota da Alemanha na Guerra dos Trinta Anos e as vitórias fulminantes de NAPOLEÃO em solo alemão, deixaram profundamente marcada a mentalidade germânica. Estas duas ocorrências tiveram a maior influência nos subsequentes sucessos políticos da Alemanha.¹

Depois de um longo período de completo desânimo e subserviência em seguida ao Tratado de Westphalia em 1648, a voz de KANT levantou-se das arejadas margens do Báltico, concitando os compatriotas a que congregassem seus esforços, ao invés de desperdiçarem suas energias nos mil pequenos principados da Alemanha rococó. Por causa do desbarato determinado pelo genial Corso, levantou-se outra voz, um outro professor e filósofo falou de derrota e reconstrução.

FILOSOFIAS KANTIANA E HEGELIANA

FRIEDRICH HEGEL chegou depois das espetaculares ascensão e queda da primeira república francesa, essa como que incoerente série de sucessos em que numa geração transformou a Europa mais profundamente do que os séculos já a haviam mudado. HEGEL procurou a lógica da história, oculta atrás de uma corrente de acontecimentos aparentemente injustificável, e, além das manifestações materiais da força que pareciam dirigir o curso da história, encontrou a lógica remota mas real: os conflitos de paixões pelo poder eram apenas uma traslação dos conflitos encobertos de um mundo interior sempre dividido. Esses conflitos eventualmente cediam a um compromisso, somente para ser rompido outra vez em novas disputas e resolvido novamente em novos compromissos. Tese, antítese, síntese, as três formam a lógica da história, segundo HEGEL.

Além da filosofia kantiana, e com ela identificada, a teoria hegeliana de evolução condicionou o pensamento alemão constantemente desde as primeiras décadas do século dezenove. Ainda se sente a sua influência, embora para a percebermos se necessite de um inquérito longo, minucioso, especialmente sobre o que é o fundamento das idéias hoje existentes no Reich.

No fim do século dezenove, a Alemanha tornou-se a principal potência no continente da Europa. As filosofias kantiana e hegeliana eram ambas forças vivas no pensamento político alemão. O realismo prussiano, proveniente da filosofia de KANT, acreditava no desenvolvimento de todos os recursos e energias alemães dentro do Reich. Os discípulos de HEGEL, por outro lado, afirmavam que a missão eterna da Alemanha era a conquista e o domínio, que a Alemanha estava destinada a ser dona do continente, para herdar o Sagrado Império Romano da Nação Germânica.

O Pan-Germanismo, como pregavam HEINRICH VON TREITSCHKE e outros pelas universidades da Alemanha, foi a primeira forma com que apareceu a doutrina

* Os originais deste artigo foram recebidos em 15 de Janeiro de 1942. NOTA DO EDITOR da *The Geographical Review*, em cujo n.º 4-Vol. XXXII — Out. 1942 — foi o trabalho publicado sob o título *Political Geography into geopolitics* à pag. n.º 632.

¹ LOUIS REYNAUD: *L'âme allemande*, Paris, 1933; ALBERT RIVAUD: *Les crises allemandes* (1919-1931), Paris, 1932; idem: *Le relèvement de l'Allemagne*, 1918-1919, 4.ª edição revista e aumentada, Paris, 1939.

do novo imperialismo alemão. Começando com STEIN e VON CLAUSEWITZ,² já havia influenciado profundamente tanto os líderes civis como os militares. BISMARCK, depois de ter conseguido a unificação do Reich, relegou a idéia de conquista para o ático da política alemã. Ele acreditava firmemente no que então se denominava de "equilíbrio europeu da força". Entretanto, muitas e destacadas figuras da Alemanha, especialmente membros do Estado Maior do Exército alemão, homens como VON MOLTKE, SCHLIEFFEN e VON DER GOLTZ, adotaram a idéia de imperialismo. Essa idéia, zelosamente guardada, como uma flama sagrada, durante a República de Weimar de vida curta, teve a sua forma final dada pelos homens do Reichswehr, o Exército alemão de após guerra — VON SEECKT e seus discípulos.

A crença hegeliana na evolução e no destino da Alemanha como nação conquistadora e a doutrina kantiana pregando a concentração de tôdas as energias nacionais em um objetivo preciso e articulando a nação para um fim decisivo caracterizam igualmente a Alemanha do KAISER e a Alemanha do Terceiro Reich. As páginas seguintes representam uma tentativa no sentido de tratar de um aspecto do problema: como essas doutrinas repercutiram na filosofia geográfica alemã e como as encararam diversos vultos.

GEOGRAFIA POLÍTICA DE RATZEL

Em 1897, FRIEDRICH RATZEL, professor de geografia da Universidade de Leipzig, publicou um volume intitulado *Politische Geographie*. Embora precedida de escritos de grandes figuras na história da geografia como HUMBOLDT e RITTER, o trabalho de RATZEL, produto de grande erudição e larga experiência, assinala a revivificação da geografia política por todo o mundo.

Reduzida a seus elementos essenciais, a teoria de RATZEL acha-se construída com apoio em duas idéias principais: espaço (a área ocupada por um estado) e posição. Estes dois princípios determinam o valor geográfico e o derradeiro destino de tôdas as partes da superfície da terra. Com a lógica inexorável do determinismo científico, RATZEL passa de exemplo a exemplo para provar como o espaço e a posição influíram no destino histórico de uma área. O desenvolvimento histórico da Europa, com origem no Império Romano, é um dos exemplos:

... os países da Europa surgiram na história na ordem em que estão localizados, um após outro quando observados de Roma — primeiro a Ibéria, depois Gália, Rétia, Britânia, Alemanha ocidental —...³

A posição geográfica é um fator da história humana pertinente à terra.

Uma certa área, não mudando a sua localização, transmite sempre o mesmo impulso a estados e nações como um curso d'água que entra numa parte turbulenta do seu roteiro, ou retoma a sua corrente calma e rasa no mesmo local. (pág. 180).

O espaço, por outro lado, é a aspiração máxima das ambições de um povo.

Semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço, as lutas dos povos são quase sempre lutas pelo mesmo objeto. Na história moderna a recompensa da vitória sempre foi — ou tem pretendido ser — um proveito territorial (pág. 270).

Prosseguindo na obra de RITTER, RATZEL empresta um novo significado ao conceito riteriano das vinculações espaciais, relações de espaço com o mundo inteiro.

As vinculações de diferentes regiões à terra, tôda não são abstrações: existem e constituem uma força ativa agora e em todos os tempos vindouros (pág. 250).

² CARL VON CLAUSEWITZ: *Vo Kriege*, Berlin, 1880.

³ FRIEDRICH RATZEL: *Politische Geographie*, 3.^a edição, revista e aumentada por EUGEN OBERHUMMER, Munich und Berlin, 1923, pág. 239.

A doutrina de que o espaço tem um efeito permanente sôbre a história não exclue, entretanto, o caráter mutável do conceito de espaço.

A relação entre o conceito de espaço de um romano e o de um inglês do século dezoito é idêntica à relação entre o tamanho do Mediterrâneo e o do Atlântico (pág. 153).

Semelhantemente, a atitude para com o espaço tem direta conexão com o caráter nacional. Entre alguns povos o conceito de conquistar e dominar espaço patenteia-se na mentalidade dos líderes, mas foge inteiramente à daqueles que se espera executem os projetos e ocupem os territórios recém-adquiridos. Foi êsse o caso na conquista francesa da América do Norte. Com outros povos a facilidade para dominar o espaço e adaptar-se às novas exigências servidas por um ambiente novo e desconhecido observa-se nas massas, mas é visivelmente estranha aos líderes. E assim é que, segundo RATZEL, se explica o último fracasso dos espanhóis em conservar os seus territórios na América Central e do Sul. Com uns povos, entretanto, o incitamento à conquista e o espírito pioneiro vivem nas massas e na elite, prontos a cumprir as exigências decorrentes dos grandes movimentos de povoamento das terras recém-conquistadas. Segundo RATZEL, exceto as raças anglo-célticas, nenhuma outra se beneficiou de modo tão excepcional. Os povos e seus governantes precisam possuir o dom de dominação e a capacidade para organizar novas terras, se tiverem que dilatar o seu espaço vital.

Larga visão do domínio de espaço por parte dos estadistas, mobilidade e adaptabilidade do povo, são duas coisas necessárias para completo êxito. (pág. 266).

A inovação radical do parecer de RATZEL sôbre a geografia política é a sua concepção do estado como organismo. O solo e o homem estão inseparavelmente vinculados. O elemento "materialmente coerente" do estado é o solo, com o qual o estado, um grupo de homens, tem uma "vinculação espiritual". Como desenvolvimento lógico desta teoria, os estados podem expandir-se, contrair-se, viver, prosperar, decair e morrer como seres vivos. Sua estrutura assemelha-se à de organismos. Teem uma área nuclear compacta e uma estrutura algo frouxa nas áreas tributárias, dissolvidas finalmente em uma série de pontas de lança e engastes em território estrangeiro. O estado pode ser considerado uma unidade completa, a ser desenvolvida dentro de suas atuais delimitações ou a ser utilizada como uma base que possa expandir-se em espaço. Encontram-se aqui ambas as concepções da missão da Alemanha no mundo: um desenvolvimento dentro das delimitações históricas ou uma campanha de conquista.

Como ilação lógica desta teoria do estado, é interessante considerar a observação de RATZEL quanto às grandes potências do mundo. Em sua opinião, somente uma vez pode uma potência desempenhar papel preponderante na política mundial; as potências entram e saem do palco da história num espetáculo sempre novo de ascensão, brilho e decaimento.⁴

Mas o solo, a terra, a área, o espaço representam apenas um elemento do estado, o material. Lado a lado com o espaço está o povo: soldados, artífices, lavradores da mesma forma constituem um elemento na política mundial. Características demográficas dividem o mundo em grandes unidades baseadas na densidade ou nos totais da população. Segundo RATZEL, regiões iguais e densamente povoadas teem uma tendência natural para formar unidades bem coesas, reunidas por afinidades culturais e históricas bem como por problemas econômicos e demográficos comuns.

A Alemanha e a Itália não só teem a sua posição central no continente europeu em comum, e a mesma posição relativa à França, como também as densidades e crescimento de suas populações, os problemas de emigração e a falta de colônias para povoar (pág. 309).

Há potências sem terra no mundo, diz RATZEL, tais como o Papado e os Papados Lamaístas da Ásia Central, e existem áreas que podiam ser denominadas

⁴ *Op. cit.*, pág. 252.

de "terra sem gente", como sejam certas partes dos Estados Unidos.⁵ Em certas regiões do mundo, defrontam-se áreas com "alta" e "baixa" pressão demográfica, formando o que RATZEL chama "declive demográfico". Só o tempo dirá de que modo e por que meios estas diferenças na pressão de população terão de ser ajustadas e igualadas.

Estes conceitos acham-se entre os de especial significação nos desenvolvimentos que se verificaram depois de RATZEL.⁶

A INFLUÊNCIA DE MACKINDER

Quase contemporaneamente com RATZEL em sua *Politische Geographie*, um geógrafo inglês, HALFORD J. MACKINDER, apreciou de um ângulo um tanto diferente o assunto da política mundial condicionada pelo espaço e pela posição.⁷ À vista da grande influência que MACKINDER exerceu sobre alguns discípulos de RATZEL, parece vir a pêlo a seguinte citação de sua exposição *The Geographical Pivot of History*:

A concepção da Euro-Ásia... é a de uma terra contínua, rodeada de gelo ao norte, cercada de água por outra parte... exceto na floresta sub-ártica... em geral muito favorável à mobilidade de cavaleiros e camelheiros. A oriente, ao sul e ao ocidente desta terra-coração se acham regiões marginais dispostas em um vasto crescente, acessíveis aos navegadores. Segundo a conformação física, estas regiões são em número de quatro... As primeiras duas constituem as terras de monção, voltadas uma para o Pacífico e outra para o Oceano Índico. A quarta é a Europa, banhada pelas chuvas atlânticas do ocidente... A terceira, coincidindo com a terra dos Cinco Mares (Cáspio, Mar Negro, Mediterrâneo, Mar Vermelho e Golfo Pérsico), ou, como mais frequentemente se descreve, o Próximo Oriente, é em larga extensão destituída de umidade pela proximidade da África (pág. 431).

Esta área interior da Euro-Ásia, segundo MACKINDER é "a região *pivot* da política do mundo", compreendendo a Rússia mais oriental, a Sibéria e a Ásia Central. Quanto à sua importância, diz êle:

Não é a região *pivot* da política do mundo aquela vasta área da Euro-Ásia inacessível aos navios, mas outrora exposta aos cavaleiros nômades?...

Fora da área *pivot*, em um grande crescente interior, acham-se a Alemanha, a Áustria, a Turquia, a Índia e a China, e em um crescente exterior, a Britânia, a África do Sul, a Austrália, os Estados Unidos, o Canadá e o Japão. Nas condições atuais de forças equilibradas, o estado *pivot*, Rússia, não é equivalente aos estados periféricos e há lugar para uma equiponderância na França...

Uma reviravolta no equilíbrio de poderio a favor do estado *pivot*, motivando a sua expansão pelas terras marginais da Euro-Ásia, permitiria utilizar vastos recursos continentais para construir uma frota, e o império do mundo então estaria à vista. Isto aconteceria se a Alemanha se aliasse à Rússia. Semelhante ameaça, porém levaria a França a uma aliança com as potências de além mar, e a França, a

⁵ RATZEL, *op. cit.*, págs. 28-29.

⁶ Um inglês estudioso da geografia histórica julga-o assim: "... quaisquer que sejam as críticas que se façam à obra de RATZEL, deve-se-lhe o devido crédito pelos esforços verdadeiramente científicos: êle iniciou a geografia política como parte da geografia humana, concebendo-a como disciplina que devia analisar, classificar e comparar certos estados". (W. G. EAST: *The Nature of Political Geography, Política*, Vol. 2, 1937, págs. 259-286), referência na pág. 268).

⁷ H. J. MACKINDER: *The Geographical Pivot of History*, *Geogr. Journ.*, Vol. 23, 1904, págs. 421-444. Ver também *idem: Britain and the British Seas* (Appleton's World Series), New York, 1902 (2.ª edição, Oxford, 1915); *idem: The Physical Basis of Political Geography*, *Scottish Geogr. Mag.*, Vol. 6, 1890, págs. 78-84; *idem: Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction*, London, 1919 (ver F. J. TEGGART: *Geography as an Aid to Statecraft: An Appreciation of Mackinder's "Democratic Ideals and Reality"*, *Geogr. Rev.*, Vol. 8, 1919, págs. 227-242); reeditada em 1942.

Itália, o Egito, a Índia, e a Coréia tornar-se-iam numerosas cabeças de ponte onde as marinhas de fora apolariam os exércitos para obrigar os aliados *pivot* a desdobrarem forças terrestres e impedir-lhes a concentração de todo o poderio nas esquadras. (págs. 434-436).

OS DISCÍPULOS DE RATZEL

Os ensinamentos de RATZEL granjearam um largo número de discípulos, especialmente depois da Guerra Mundial de 1914-1918, quando os alemães começaram a investigar as causas e as circunstâncias de sua derrota, bem como a influência das condições naturais sobre o curso e o resultado da guerra. Entre 1918 e 1928 apareceram publicações, tratando de vários aspectos da geografia política, na maior parte da autoria de geógrafos das universidades alemãs.⁸ A mais importante dessas contribuições foi a de OTTO MAULL, então professor de geografia na universidade de Francfort sobre o Meno (subsequentemente na universidade de Graz, Áustria).⁹

MAULL baseou o seu trabalho na *Politische Geographie* de RATZEL e nos dois princípios básicos do pensamento ratzeliano, espaço e posição. Ele assinala a teoria do estado como um organismo espacial e mostra forte tendência para o determinismo do meio ambiente. Desenvolvendo as idéias de RATZEL sobre as posições dos estados, MAULL, com o verdadeiro cuidado de alemão pelas minudências, distingue entre categorias de estados tais os construídos nas planícies e os situados nas terras serranas ou montanhas e classifica em circum-marítimos ou circum-oceânicos, os estados que dominam zonas costeiras, mares marginais abertos, mares mediterrâneos, ou oceanos. Em sua dissertação sobre as formas de imperialismo político e econômico, assevera que se pode considerar a penetração econômica como um perfeito substituto da dominação territorial. Finalmente, expõe a sua crença em um tipo universal de desenvolvimento estatal, para todo o mundo, começando pelo crescimento de um estado desde o núcleo territorial ao completo alargamento de suas energias e terminando com o seu desaparecimento do cenário político.

O trabalho de MAULL, entretanto, como o de outros geógrafos alemães nos anos de 1920¹⁰ não tiveram senão uma influência limitada. Ficou para um grupo de homens, os quais não tinham a prática nem o descortino de geógrafos, para moldar a geografia política alemã ao seu feitio atual e transformá-la em um dos auxiliares mais poderosos da ideologia alemã contemporânea.

INFLUÊNCIA DE KJELLÉN

A frente nas fileiras deste grupo está um sueco, RUDOLF KJELLÉN, cuja influência pode ser justamente considerada a segunda somente quanto a RATZEL na formação da escola conhecida por *Geopolitik*.¹¹ KJELLÉN foi o primeiro a empregar a expressão *Geopolítica*,¹² que rapidamente vem se tornando familiar ao público do mundo inteiro. KJELLÉN, professor de ciência política em Upsala, impressionou-se profundamente com as idéias de RATZEL sobre a natureza orgânica dos estados. Em seus trabalhos desenvolveu uma divisão quintupla da ciência política.¹³ A primeira e a mais importante é a "Cratopolítica", a ciência

⁸ Ver WALTHLER VOGEL: *Politische Geographie und Geopolitik* (1909-34), *Geogr. Jahrbuch*, Vol. 49, 1934, págs. 79-304; também RICHARD HARTSHORNE: *Recent Developments in Political Geography*, *Amer. Polit. Sci. Rev.*, Vol. 29, 1935, págs. 785-804 e 943-966.

⁹ OTTO MAULL: *Politische Geographie*, Berlin, 1925; *idem*: *Politische Geographie und Geopolitik*, *Geogr. Anzeiger*, Vol. 27, págs. 245-253. Ver também sua última publicação *Das Wesen der Geopolitik*, Leipzig e Berlin, 1936.

¹⁰ VOGEL, *op. cit.*; HARTSHORNE, *op. cit.*; também ALEXANDER SUPAN: *Leitlinien der allgemeinen politischen Geographie: Naturlehre des Staates*, Berlin, 1922.

¹¹ Ver ROBERT SIEGER: RUDOLF KJELLÉN, *Zeitschr. für Geopolitik*, Vol. 1, 1924, págs. 339-346; WALTHLER VOGEL: RUDOLF KJELLÉN (1864-1922), in *Encyclopaedia of the Social Sciences*, Vol. 8, 1932, pág. 576.

¹² A primeira sugestão do uso desta expressão, assinala SIEGER, aparece em RUDOLF KJELLÉN: *Studier öfver Sveriges politiska gränser*, Ymer, Vol. 19 (1899), 1900, págs. 283-331.

¹³ RUDOLF KJELLÉN: *Der Staat Als Lebensform*, tr. por MARG. LANGFELDT, Leipzig, 1917 (4.^a ed., revista por J. SANDMEIER, Berlin-Grunewald, 1924).

de organização legal do poder do estado; "Geopolítica", ou a ciência do estado como reino em espaço é a seguinte; depois "Demopolítica", ou a ciência das formas de organização política das massas, "Ecopolítica", ou a ciência dos processos de produção e consumo de mercadorias; e "Sócio-política".

Na concepção de KJELLÉN os estados são verdadeiros seres vivos e êle considera a luta pelo espaço como

a ambição do estado para tornar-se organicamente unido ao solo. Os estados procuram escolher unidades geográficas, como seja uma região, para se aliarem com ela, e por meio dessa aliança se transformarem em unidades naturais (pág. 61).

Estados vitalmente fortes com uma área de soberania limitada são dominados pelo categórico imperativo político de dilatar seu território pela colonização, união com outros estados, ou conquistas de diferentes espécies. Foi êsse o caso com a Inglaterra, e é o caso com a Alemanha e o Japão; como vêdes, não é o instinto primitivo da conquista mas a tendência natural e necessária para a expansão como meio de auto-conservação (pág. 75).

Essa tendência de expansão é o dobre de finados dos pequenos estados. Segundo KJELLÉN:

Aos estados pequenos parece estar reservada no mundo da política sorte idêntica à que teem os povos primitivos no mundo da cultura. São repelidos para a periferia, mantidos nas áreas marginais e zonas fronteiras, ou desaparecem (págs. 81-82).

Quanto mais o mundo se organizava, mais os vastos espaços, como estados grandes, faziam sentir sua influência, e quanto maior o desenvolvimento dos grandes estados, menor a importância do pequeno estado (pág. 74).

O livro mais importante de KJELLÉN, *Staten som livsform* (1916), foi traduzido e publicado na Alemanha em 1917 sob o título *Der Staat als Lebensform*. A quarta edição apareceu em 1924, e no mesmo ano fundou-se na Alemanha um periódico, com um título tirado de KJELLÉN, *Zeitschrift für Geopolitik*,¹⁴ e editado por KARL HAUSHOFER. Esta revista mensal e as publicações com ela relacionadas exerceram profunda influência nos líderes do Terceiro Reich

HAUSHOFER E SUA ESCOLA

KARL HAUSHOFER, soldado e geógrafo, nasceu em Munich, em 1867. Bávaro por educação e também por nascimento, vindo de uma longa linhagem de artistas e doutos, considerava a sério a idéia de uma carreira acadêmica ao formar-se num *Gymnasium* de Munich. Ficaram-lhe, porém, as impressões de um ano de serviço militar; continuou no exército e tornou-se um brilhante oficial, servindo no Estado Maior e como instrutor nas academias militares da Alemanha. Em 1908, foi mandado ao Japão em uma missão militar e viajou bastante pela Ásia. Lutou na Primeira Guerra Mundial e aposentou-se em 1919 no posto de major general. Em 1921 tornou-se professor honorário de geografia da Universidade de Munich. A maior parte dos observadores do Terceiro Reich estão que a influência dele sobre os dirigentes do regime Nacional Socialista tem sido deveras notável e que durante os primeiros dez anos do Terceiro Reich (1933-1942) êle foi uma das personalidades mais importantes na Alemanha.

Três fatores parecem ter exercido influência decisiva na vida e trabalhos do general HAUSHOFER: as tradições intelectuais de sua família, a sua brilhante carreira militar, e o seu conhecimento pessoal do Extremo Oriente. A tradição

¹⁴ Ver JACQUES ANCEL: *Géopolitique (Bibliothèque d'Histoire et de Politique)*, Paris, 1936; A. DEMANGEON: *Géographie politique, Annales de Géogr.* Vol. 41, 1932, págs. 22-31; RICHARD HENNIG: *Geopolitik: Die Lehre vom Staat als Lebewesen*, Leipzig e Berlim, 1928. Entre os trabalhos italianos está o de LUGI DE MARCHI: *Fondamenti di geografia politica: Basi geografiche della formazione e dello sviluppo degli stati e dei problemi politici attuali*, Milan e Pádua, 1929. Entre as contribuições japonesas está NOBUYUKI IIMOTO: *Seiji Chirigaku (Geografia Política)*, in *Chirigaku Kozu* (Série sobre geografia) Tóquio, 1937.

de família decidiu-no, depois dos anos passados no exército, a abandonar a sua carreira militar e a escolher a acadêmica. A sua experiência no exército revelou-se em seu excelente conhecimento e apreciação da importância estratégica dos fatos geográficos. Finalmente, a sua viagem ao Extremo Oriente proporcionou-lhe o material para o seu primeiro livro, sobre o Japão, publicado em 1913. O sucesso do livro animou-o a continuar a escrever. Numa série de livros, artigos e panfletos,¹⁵ em sua coluna mensal sobre a região Indo-Pacífica, HAUSHOFER, mais um grupo de jovens geógrafos e outros cientistas sociais, lançou as bases da *Geopolitik*.

ALFRED HETTNER, destacada autoridade em métodos e objetivos geográficos, asseverou que as considerações e inquéritos não podem sempre parar no ponto onde cessa a competência científica do geógrafo, que tem de fazer a transição entre o pensamento científico e o político.¹⁶ Esse aspecto foi acentuado ainda mais por HAUSHOFER, que o exemplificou com um estudo da Bessarábia citando o autor que disse ser geopolítica porque

o trabalho não considera as condições naturais da terra e do seu povo só no ponto de vista da geografia política, mas vai adiante tentando tirar conclusões concernentes à política de fato das forças que lutam pela Bessarábia.¹⁷

A brecha entre a geografia política e a geopolítica tem-se alargado constantemente desde 1924, quando HAUSHOFER publicou a primeira das maiores contribuições ao novo assunto, *Geopolitik des Pazifischen Ozeans*.¹⁸ O próprio HAUSHOFER considera a geografia política inteiramente distinta da geopolítica. A geografia política representa a ciência da distribuição do poder do estado pelas diferentes regiões do mundo e o condicionamento do poder político na dependência das características de superfície, clima e revestimento.¹⁹ A geopolítica, em contraste com a geografia política, é essencialmente dinâmica; "é um modo de educar as massas no conceito de espaço".²⁰ A declaração emitida pelos editores de *Zeitschrift für Geopolitik* talvez sirva melhor para indicar a diferença considerável entre o ponto de vista geopolítico e o político-geográfico.

Geopolítica é a ciência que determina e condiciona a evolução política ao solo.

Assenta sobre o largo fundamento da geografia, principalmente a geografia política, como ciência de organismos espaciais políticos e sua estrutura.

A essência dos espaços terrestres compreendida sob o ponto de vista geográfico dá o quadro da geopolítica dentro do qual se devem realizar os processos políticos, se se quiser ter resultados permanentes. É óbvio que os maiores da política transgridem esse quadro, porém mais cedo ou mais tarde a força restritiva dos vínculos espaciais acabará impondo-se.

Definida nesses termos, a geopolítica quer fornecer os instrumentos para as atividades políticas e ser um guia na vida política.

¹⁵ KARL HAUSHOFER: *Dai Nihon: Betrachtungen über Gross-Japans Wehrkraft, Weltstellung und Zukunft*, Berlin, 1913; *idem*: *Japan und die Japaner: Eine Landeskunde*, Leipzig e Berlin, 1923; *idem*: *Geopolitik des Pazifischen Ozeans*, Berlin-Grünwald, 1924 (3.^a ed., aumentada, 1938); *idem*: *Der ost-eurasiatische Zukunftsblick*, *Zeitschr. für Geopolitik*, Vol. 2, 1925, págs. 81-87; *idem*: *Grenzen in ihrer geographischen und politischen Bedeutung*, Berlin-Grünwald, 1927 (2.^a ed., Heidelberg, etc., 1939); KARL HAUSHOFER e outros: *Bausteine zur Geopolitik*, Berlin-Grünwald, 1928; KARL HAUSHOFER, edit.: *Macht und Erde*, Leipzig e Berlin, 1930-1934 (Vol. I, *Die Grossmächte vor und nach dem Weltkriege: Zweiundzwanzigste Auflage der Grossmächte* RUDOLF KJELLÉNS, 1930; Vol. 2, *Jenseits der Grossmächte: Ergänzungsband zur Neubearbeitung der Grossmächte*, RUDOL KJELLÉNS, 1932; Vol. 3, *Raumüberwindende Mächte*, 1934); KARL HAUSHOFER: *Wehrgeopolitik: Geographische Grundlagen einer Wehrkunde (Fachschriften zur Politik und staatsbürgerlichen Erziehung)*, Berlin, 1932; *idem*: *Atemweite, Lebensraum und Gleichberechtigung auf Erden!*, *Zeitschr. für Geopolitik*, Vol. II, 1934, págs. 1-14; *idem*: *Gestaltungswandel durch Berührung?*, *Zeitschr. für Geopolitik*, Vol. 17, 1940, págs. 446-447.

¹⁶ ALFRED HETTNER: *Die Geographie: Ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methode*, Breslau, 1927, págs. 159 ff.

¹⁷ HAUSHOFER e outros, *Bausteine zur Geopolitik*, pág. 13.

¹⁸ KARL HAUSHOFER: *Politische Erdkunde und Geopolitik*, in *Freie Wege vergleichender Erdkunde: Erich von Drygalski zum 60. Geburtstag...*, Munich e Berlin, 1925, págs. 87-103; referência na pág. 87.

¹⁹ HAUSHOFER, *Atemweite*, pág. 5.

Com isso se torna uma tecnologia capaz de conduzir a política prática a um ponto de apoio firme donde poderá tomar impulso. Só assim é que o salto para a ação pode ser dado de um terreno sólido de conhecimento, e não de ignorância, mais perigoso e remoto.

*A geopolítica pretende e deve se tornar a consciência geográfica do estado.*²⁰

Os assuntos tratados pela geopolítica teem um alcance vastíssimo; canto nenhum da terra escapa à sua atenção. Periodicamente o *Zeitschrift für Geopolitik* continha artigos sôbre rádio-comunicações, sôbre problemas de comércio internacional, sôbre meteorologia, antropologia, religião. Mas acima da opinião do grupo que seguia HAUSHOFER estão os interesses da Alemanha e do povo alemão, seus objetivos e ambições e os modos e meios pelos quais êles podem ser atingidos. Avaliando objetivamente a situação, êste grupo aceita a guerra, na melhor tradição de VON CLAUSEWITZ, como uma continuação de diplomacia por processos diferentes.

A guerra, segundo KJELLÉN, é um campo experimental da geopolítica. "Os estados maiores deviam se tornar academias científicas onde êste ramo da ciência política não fôsse o menos importante". (págs. 58-59). As fronteiras, como pontos de contacto dos estados com os seus vizinhos e donde habitualmente se começa a guerra com o estrangeiro, teem sido sempre um dos problemas principais da geopolítica. HAUSHOFER, no seu livro sôbre fronteiras²¹ distingue entre fronteiras de agressão, de emboscada, de equilíbrio e de proteção, apontando assim o interesse estratégico primacial do problema.

As guerras, entretanto, são travadas pelos homens, e consequentemente o problema da população ocupa lugar importante na geopolítica. Em seu livro sôbre o Pacífico, HAUSHOFER contrasta as duas costas dêste poderoso oceano, "estreiteza da área de povoamento e a necessidade de espaço no Japão, escassa população e enormes áreas desocupadas nas margens opostas".²² Assim HAUSHOFER toma o fio do pensamento ratzeliano, opondo áreas de alta e baixa pressão demográfica. HAUSHOFER apoiou as pesquisas do Dr. BURGDÖRFER, o maior perito da Alemanha em problemas da população. O termo "espaço vital", foi usado pela primeira vez nas páginas do *Zeitschrift für Geopolitik*.

A geopolítica é uma das armas mais poderosas na luta por uma mais justa distribuição dos espaços vitais da terra, uma distribuição baseada antes na capacidade de trabalho e nas realizações culturais dos povos do que nas ocupações impostas pela força.²³

Com um raro talento para *slogans*, êle deu novo impulso à pretensão alemã pela "igualdade de direitos", o *leit-motiv* da política alemã de Versalhes a Munich. Em 1934 HAUSHOFER escreveu:

Uma grande nação tem de romper de um espaço singularmente estreito, amontoado de gente, sem ar fresco, um espaço vital acanhado, e mutilado há um milênio... a menos que tôda a terra se abra à livre imigração dos povos melhores e mais capazes ou que os espaços vitais ainda não ocupados sejam redistribuídos segundo as realizações anteriores e a capacidade de criar.²⁴

Os geógrafos que antecederam HAUSHOFER formularam algumas das idéias a que êle emprestou força tão dinâmica. A distinção feita por ALBRECHT PENK entre a Europa ocidental, do meio e oriental, a escola de geopolítica desenvolveu em "região frontal" da Europa, Meio-Europa, e Trás-Europa. A linha de separação entre a Europa "frontal" e a do meio é representada pelo corredor Lorena-Jura-Alpes, a que fica entre a Meio-Europa e a Trás-Europa por uma linha que

²⁰ HAUSHOFER e outros, *Bausteine zur Geopolitik*, pág. 27.

²¹ HAUSHOFER, *Grenzen*, págs. 154-156.

²² HAUSHOFER, *Geopolitik des Pazifischen Ozeans*, pág. 24.

²³ HAUSHOFER e outros, *Bausteine zur Geopolitik*, pág. 41.

²⁴ HAUSHOFER, *Atemweite*, pág. 2.

corre de Helsinque a Odessa.²⁵ Como resultado desta divisão tripla, pode-se claramente delinear a área nuclear da Alemanha. A Alemanha, a Áustria, a região sudeta, a Alsácia-Lorena, e Suíça são todas regiões alemãs, povoadas por uma grande maioria de elementos de língua e sentimentos alemães. Em torno desta área nuclear acha-se a área de povoamento dos alemães, os quais ainda constituem uma parte substancial da população. Esta área de povoamento consiste dos países bálticos, Checoslováquia, Flandres, e Países-Baixos. Esta área, por seu turno, está cercada pelas zonas onde a influência cultural alemã é importante e onde se encontram as minorias alemãs. Juntas, as três áreas formam o Maior Reich Alemão, cuja organização tem sido o sonho dos alemães há muitos séculos. HAUSHOFER, em um dos seus trabalhos, enumera alguns dos notáveis marcos de penetração cultural alemã na Europa, na maior parte fora dos limites do próprio Reich, e compara essa situação com a do Japão, onde todos os monumentos de um passado glorioso se encontram dentro das divisas da nação.²⁶

A Europa, segundo a escola da geopolítica, está construída em torno de um eixo este-oeste, como que se estendendo na direção geral do Reno e do Danúbio. Com o sentido jornalístico das fórmulas e simplificações, os homens da geopolítica condensaram em poucas sentenças a história passada, contemporânea e futura da Europa. Duas principais linhas do destino modelaram a história da Europa dos tempos imemoriais à atualidade. Uma dessas linhas, representando uma inclinação cultural, econômica e demográfica, consiste de um "eixo este-oeste", correspondendo à tensão existente entre a Europa e a Ásia. A outra linha expressa-se por um "eixo norte-sul", ligando as áreas densamente povoadas da Europa norte-central com o sul, linha essa que passou a existir no eixo Roma-Berlim. Se fosse construída uma fronteira durável e altamente demarcadora semelhante a uma cêrca à volta da Europa, ao longo da linha Helsinque-Odessa, o "eixo-oeste-este" perderia a sua importância e a Europa se cristalizaria ao longo do "eixo norte-sul".²⁷ É interessante comparar isto com o que RATZEL disse há cerca de quarenta anos sobre a comunidade de interesses entre a Alemanha e a Itália.

Embora partidário de uma política de separação da Europa e Rússia, HAUSHOFER fora um forte esteio da idéia de "colaboração econômica" entre a Alemanha e os grandes espaços livres da União Soviética. Em seus primeiros trabalhos, alguns anos logo após a Primeira Grande Guerra, ele insistia em que os interesses da Alemanha e da Rússia, tanto políticos como econômicos, eram idênticos e que os dois países haviam sido forçados à guerra, em lados opostos, pela perfídia da Grã-Bretanha. Este pronunciamento estava em tudo no espírito que predominava no exército alemão ao tempo em que VON SEECKT defendia uma política de estreita colaboração militar entre a Alemanha e a Rússia. Em o número de Novembro de 1939 de *Zeitschrift für Geopolitik* HAUSHOFER expressou os seus pontos de vista sobre a aliança russo-germânica. Em sua opinião, esta aliança era na realidade uma tentativa para resolver os problemas da Alemanha projetando-os nos grandes espaços da Eurásia. Lá, segundo HAUSHOFER, as possibilidades eram ilimitadas, assim política como economicamente, e os recursos da União Soviética trariam a independência e a auto-suficiência à Alemanha.

Em 1940, quando a Britânia já havia quase perdido a sua posição e seus aliados no continente, o *Zeitschrift für Geopolitik* declarou que a fase de "fragmentação da Europa", inaugurada em 1648 com o tratado de Westphalia, terminaria definitivamente. Essa fase, característica da supremacia mundial britânica, testemunhara as tentativas sucessivas da Britânia no sentido de impedir a formação de unidade continental. Mas HAUSHOFER, fiel discípulo de RATZEL e MACKINDER, conclue perfeitamente que na atual fase da luta as potências continentais e marítimas estão no começo de sua batalha final. Os insulares possuem o instinto de reconhecer os mares, rotas marítimas e portos vitais para o seu Império. Mas, na opinião de HAUSHOFER, o domínio do mundo por uma potência

²⁵ HAUSHOFER e outros, *Bausteine zur Geopolitik*, págs. 292-294.

²⁶ HAUSHOFER, *Grenzen*, págs. 149-150.

²⁷ Cf. OTTO MUCK: *Spiel um Neu-Europa*, *Zeitschr. für Geopolitik*, Vol. 17, 1940, págs. 260-262; *idem*: *Die Schicksalslinien Europas*, *ibid.*, págs. 352-355.

dos mares não pode ser eterno. O domínio de uma potência marítima pode acabar de repente; todavia, isso ocorre usualmente como uma redução de poder, ou como um deslocamento de comunicação vital à sua existência, como foi o caso com Veneza e Gênova.

Nesta breve revista dos recentes rumos na geografia política alemã, uma maior tendência se mostra ao observador. A despeito de desvios temporários, de retardamentos, de hesitações, a orientação do pensamento afigura-se contínuo. Aparece nos escritos dos filósofos do começo do século dezenove e nos artigos do *Zeitschrift für Geopolitik*; é uma conduta inabalável visando o alvo alemão de supremacia no continente da Europa, de expansão alemã em direção aos grandes espaços abertos da Eurásia, com o "império do mundo à vista".

GEORGE KISS

(Tradução gentilmente autorizada de *The Geographical Review* — Vol. XXXII, Outubro, 1942, N.º 4, por GERMANO JARDIM).
